

Revista de Imprensa – 04.12.2020

Revista de Imprensa – 04.12.2020

Revista de Imprensa

1. Andebol - FC Porto continua a ser quinto na Champions, Jogo (O), 04/12/2020 1

2. Lá fora - João Ferraz marcou , mas Shur falhou a liderança, Jogo (O), 04/12/2020 2

3. Andebol, Record, 04/12/2020 3

4. Andebol, Record, 04/12/2020 4

5. Campeonato Placard Andebol 1 - SC Horta perde 24×30 com Sporting CP, Tribuna das Ilhas Online, 04/12/2020 5

6. Daniel Azenha sai com dever cumprido e João Assunção quer uma AAC de gerações - Entrevista a Daniel Azenha, Diário As Beiras, 03/12/2020 6

CISION

ID: 89983064

O JOGO

04-12-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 27
Cores: Cor
Área: 6,99 x 5,75 cm²
Corte: 1 de 1



ANDEBOL FC PORTO CONTINUA A SER QUINTO NA CHAMPIONS

O FC Porto, com dois jogos adiados devido à covid-19 no Vardar e no Kielce, manteve o quinto lugar no Grupo A da Liga dos Campeões, com seis pontos, os mesmos do PSG (quarto), não sendo afetado pelos resultados de ontem. O Flensburgo (segundo) bateu o Pick Szeged (26-24) e o Meshkov (terceiro) derrotou o Elverum (29-27), estando as equipas que perderam nos dois últimos lugares, os que não dão apuramento.

CISION

ID: 89983068

O JOGO

04-12-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 27
Cores: Cor
Área: 7,30 x 5,51 cm²
Corte: 1 de 1



LÁ FORA JOÃO FERRAZ MARCOU, MAS SHUR FALHOU A LIDERANÇA

Num jogo em que João Ferraz fez dois golos e Diogo Oliveira recuperou de lesão e voltou aos convocados, o Suhr empatou em Zurique, a 23 golos, para a liga suíça de andebol. Se vencesse, igualaria as equipas que lideram. Em França, o Tremblay, de Pedro Portela, perdeu em casa com o Chartres (23-28), mantendo-se em último, com um empate em dez jogos. —**A.F.**

CISION

ID: 89983542

Record

04-12-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 31
Cores: Cor
Área: 4,49 x 4,41 cm²
Corte: 1 de 1



ANDEBOL. O treinador Ljubomir Obradovic (ex-FC Porto) estreia-se hoje no Europeu feminino (Dinamarca) ao comando da Sérvia, que defronta os Países Baixos. Ontem disputaram-se quatro jogos: Roménia-Alemanha, 19--22; Rússia-Espanha, 31-22; Noruega-Polónia, 35-22; e Suécia-Rep. Checa, 27-24.

CISION

ID: 89983541

Record

04-12-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Desporto e Veículos

Pág: 31
Cores: Cor
Área: 4,74 x 2,85 cm²
Corte: 1 de 1



ANDEBOL. O FC Porto manteve o 5º lugar no Grupo A da Liga dos Campeões, que teve ontem dois jogos: Flensburg (ALE)-Szeged (HUN), 26-24; e Meshkov Brest (BIE)-Elverum (NOR), 29-27.

Campeonato Placard Andebol 1 - SC Horta perde 24×30 com Sporting CP

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	04/12/2020
Meio:	Tribuna das Ilhas Online	Autores:	André Goulart

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=fb5fedec

DR/SCH
A 12.ª jornada do Campeonato Placard Andebol 1 trouxe a derrota do Sporting Club da Horta (SCH) por 24×30 frente ao Sporting CP, no passado sábado.

A equipa faialense, a jogar em casa, teve uma primeira parte "onde entrámos mal, com 12 falhas técnicas ao intervalo" que se traduziram "em golos rápidos do Sporting na transição" constatou Tiago Cunha no final da partida. No final dos primeiros 30 minutos o marcador mostrava 9×19.

[Additional Text]:
DR/SCH

Andre Goulart

CISION

DIÁRIO as beiras

ID: 89968310

03-12-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 4
Cores: Cor
Área: 25,20 x 35,20 cm²
Corte: 1 de 3



texto **Patrícia da Cruz Almeida**
fotografia **Pedro Ramos**

"Saio já com saudades e feliz pelo sentimento de dever cumprido"

Daniel Azenha, estudante de mestrado de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (UC), deixa hoje a direção-geral da AAC depois de dois anos à frente dos destinos da maior associação estudantil do país. Passagem de testemunho realiza-se às 18H00, no Pavilhão Eng. Jorge Anjinho



"Aquilo que nós fizemos foi lutar para que nenhum estudante ficasse fora do ensino superior", diz Daniel Azenha

O que sente no dia em que deixa a AAC?

É um misto de emoções. Por um lado, termino o mandato com o sentimento de missão cumprida. Como é evidente, a AAC é sempre um projeto inacabado, e felizmente que o é. Por lado, tristeza. Muitas foram as lutas, muitas noites sem dormir, muitas batalhas travadas – umas vencidas, outras não derrotadas, mas continuamos no campo de batalha. É um misto de emoções, mas saio com saudade (já com saudades) e, acima de tudo, feliz pelo sentimento de dever cumprido.

O que ficou por fazer?

Foi como eu disse: a AAC, felizmente, é um projeto inacabado, mas obviamente ficaram algumas coisas por fazer na associação e, obviamente, também no crescimento da própria AAC, e nas novas necessidades que vão surgindo nas estruturas da casa. Há uma clara: o edifício é um espaço que começa a ser pequeno para a dimensão das nossas estruturas. Num futuro muito próximo, terá que ser repensado o próprio edifício, as suas condições, os seus espaços. Portanto, fica por fazer um regulamento para melhorar a qualidade do espaço das nossas estruturas, que terá que ser pensado com a máxima urgência.

Como será feito esse regulamento?

Acima de tudo, internamente, entre a direção-geral e todas as estruturas. Depois também com a UC e, naturalmente, com a Câmara Municipal. Mas teremos que repensar o edifício internamente e repensar também de que forma é que poderemos ter novos espaços para a AAC.

A nível de política educativa: o que gostava que tivesse sido concretizado nestes dois mandatos e não foi?

Travámos muitas batalhas. Tivemos uma pandemia pelo meio de que ninguém estava à espera e isso obrigou-nos a repensar a própria forma de fazer política. Tivemos, como disse, várias lutas e incidi muito sobre aquilo que era o dia-a-dia do estudante. Nós queríamos dar qualidade aos nossos colegas, percebendo como é que nós poderíamos melhorar o seu dia-a-dia: desde a cantina às residências, passando pela questão do custo-referência no ensino superior à qualidade de ensino. Aliás, nós apresentámos um livro à reitoria – "A UC à Lupa" –, em que destacámos todos os problemas da universidade e como é que ela poderia reinventar-se; desde a questão da mobilidade à questão das infraestruturas, da estratégia futura de comunicação, à qualidade de ensino. Por outro lado, destacámos aquele que é para nós, um dos maiores problemas do ensino superior: o custo às famílias é muito elevado e não deveria ser. Desde logo, no que diz respeito às propinas e, aliado a isso, o custo das residências, o custo da habitação. Portanto, aquilo que nós fizemos foi lutar para que nenhum estudante ficasse fora do ensino superior e, para além do mais, que os que já cá estão possam ter a melhor qualidade de ensino nas universidades portuguesas.

A crise pandémica veio agravar a situação dos alunos e aumentar os casos de abandono escolar?

Ainda não temos esses números oficiais, mas alertámos, desde logo, para aquele que foi o primeiro momento da pandemia. Muitos colegas tiveram que deixar a própria casa porque os pais, ou entraram em lay off, ou diminuíram o número de horas de trabalho, e receberam menos. E já sabemos o que aconteceu: os agregados familiares com menores rendimentos foram os primeiros a serem afetados. Essa era a nossa maior preocupação. No início da pandemia, ninguém sabia se iríamos voltar ou não para Coimbra ou para as cidades universitárias e houve colegas que tiveram que ceder a própria casa porque já não tinham condições de pagar a renda. Nós alertámos a UC porque também nos apercebemos que havia colegas não tinham internet, não tinham computador – como é que é possível, no século XXI, termos colegas que não têm aquilo que é, para nós, o básico de trabalho no ensino superior? E esses estudantes viam-se incapazes de ter acesso aos conteúdos digitais disponibilizados pela universidade? Essa foi, desde logo, a primeira resposta que foi dada, felizmente, pela universidade. Alertámos também o governo, pedindo o reforço das bolsas de ação social, o aumento do número de bolsas de apoio e, por outro lado, o congelamento imediato do pagamento da propina.

perfil

▶Natural da Figueira da Foz, Daniel Azenha tem 26 anos e, nos últimos dois anos, foi presidente da direção-geral da AAC. Antes tinha desempenhado as funções de Coordenador das Saídas Profissionais, mandato no qual se iniciou o programa Académica Start UC, e dois anos como vice-presidente da AAC. Daniel Azenha é licenciado em Geografia pela Faculdade de Letras da UC e finalista do Mestrado em Geografia Humana, Planeamento e Territórios Saudáveis pela mesma faculdade. Exerceu ainda funções nos órgãos de gestão da UC, nomeadamente no Conselho Pedagógico da Faculdade de Letras e no Senado, em 2015 e 2016.

A relação a reitoria da UC e com a Câmara de Coimbra correu bem ou poderia ter sido mais colaborativa?

Felizmente, acho que tive sorte. Consegui ter uma excelente relação com a UC – aliás, acho que não houve nenhuma semana que não tenha tido, pelo menos, um contacto telefónico com o professor Amílcar [Falcão], reitor da UC. Acho que houve sempre transparência. Quando tivemos de discordar, discordámos. Quando tivemos de apresentar alterações ao projeto de cada um, alterámos sem qualquer problema. Houve sempre uma ligação muito forte e acho que essa foi a grande alteração: a possibilidade de colocarmos aquele que é o nosso pensamento para universidade, o nosso pensamento para o futuro das instituições de ensino superior e até para o dia-a-dia da própria UC e do estudante. Em relação à câmara confesso que tive também uma grande ligação, fácil e direta, com os vereadores, com os assessores e com o próprio presidente da câmara E também não tenho queixas a fazer. Naturalmente – e tal como disse em relação à reitoria –, houve alguns momentos em que nós pedíamos mais, mas fizemo-lo sempre de forma muito transparente, muito aberta, muito direta e nunca tivemos problema em apresentar propostas e em mostrar a nossa posição em relação à câmara municipal para a ideia que tínhamos da cidade e para as necessidades que os estudantes têm dentro da própria cidade.

Este ano em que foram canceladas duas festas académicas. Quais foram as consequências para a saúde financeira da AAC?

Um dos pontos fundamentais nos meus dois mandatos era a solidez financeira. Aquilo que eu queria era criar uma solidez financeira capaz de permitir que os mandatos futuros pudessem investir. Infelizmente, eu não consegui fazer grandes investimentos na própria casa, mas aquilo por que mais lutámos foi também para que a casa tivesse solidez financeira. Iniciámos com uma dívida a rondar os 280 mil euros a nível externo. Hoje, a dívida é muito menor. Reduzimos a dívida aos fornecedores, que está agora na ordem dos 20 mil eruos. É verdade que temos uma livrança no banco, mas já temos um plano de pagamento para passar ao próximo mandato. A nível interno, tentámos reduzir a dívida às estruturas. Começámos a perceber, com esta pandemia, que era importantíssimo o comprometimento da DA-AAC para como as estruturas e felizmente nós fizemo-lo. Abrimos também um fundo solidário para as estruturas no pico da pandemia para que não ficassem sem pagar as suas as suas despesas diárias. Portanto, hoje temos uma associação muito mais equilibrada a nível financeiro.

O que é que o Daniel, não presidente, vai fazer agora?

Agora vou terminar o meu curso, falta-me entregar a tese. Até junho tenho que terminar o meu percurso académico. Foi um gosto pertencer à AAC. Foi um gosto pertencer a esta casa e saio muito feliz e orgulhoso.

Como define esta experiência de dois anos na DG-AAC?

Não dá para definir. É mesmo "tudo". Foi uma experiência fantástica. É algo que eu levo para a vida, que me fortaleceu muito enquanto pessoa, que me deu uma sensibilidade que também é necessária, muito mais necessária do que a experiência profissional. A experiência pessoal e o contacto as pessoas, isso é algo que só se aprende estando com as pessoas e, felizmente, consegui adquirir essa característica. Tenho por certo que me vai ser útil para a vida.

CISION

ID: 89968310

DIÁRIO as beiras

03-12-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 5
Cores: Cor
Área: 25,20 x 35,20 cm²
Corte: 2 de 3



texto **Patrícia da Cruz Almeida**
fotografia **Pedro Ramos**

"Não excluímos nenhuma metodologia política de intervenção"

Ser presidente da DG-AAC não é caso inédito na família de João Assunção: em 1970, António Pires Remédio, seu primo, assumia a liderança da estrutura estudantil. Quarenta anos depois, o "miúdo" que cresceu a admirar a Académica toma posse e promete fazer da AAC uma "verdadeira casa de gerações"

Ser presidente da DG-AAC era um sonho?

Sem dúvida. Eu arriscar-me-ia a dizer que era uma ambição e um plano pessoal, mas evidente também [uma ambição] política, de intervenção cívica que tinha desde tenra idade – desde o meu 9.º, 10.º ano. E também coincidiu com aquilo que era o meu percurso de atleta numa secção desportiva da AAC. Portanto, eu diria que sim: é o concretizar de um sonho e de uma ambição poder levar o meu trabalho e a minha a minha visão para AAC.



João Assunção assume a aproximação ao Organismo Autónomo de Futebol como pilar fundamental para uniformização da marca e do espírito académico

Quais são os projetos principais que tem previstos para a AAC?

A principal transformação que espero para a AAC é compreendê-la como não sendo uma associação de estudantes comum. A AAC é, desde logo, a associação académica mais antiga do país, uma das mais antigas da Europa. É também um clube desportivo eclético – o mais eclético possível – e também o mais antigo da Península Ibérica. E é essa realização, essa compreensão de que estamos perante uma associação académica diferente de todas as demais, que também me leva a afirmar, com toda a convicção, que não é apenas um símbolo ou um nome que a identifica ou a aproxima da comunidade estudantil. Portanto, foi isso que trouxe a nossa candidatura "Académica de Gerações" com esta visão clara: quero que a AAC responda àquilo que são as exigências e os desafios de uma sociedade civil o mais plural possível. Ou seja, não olhando apenas para comunidade do estudante enquanto tal, mas que olhe também para a ligação à cidade, que olhe para a cidade de Coimbra como parceira essencial daquilo que são as reivindicações políticas, de intervenção cívica, de desporto e cultura da AAC, e que compreenda que este símbolo e este nome estão espalhados por todo o país e por todo o mundo através de uma rede de antigos estudantes que têm uma ligação afetiva muito grande a esta casa. Acho que esta compreensão mais global, mais plural daquilo que é a AAC é o que verdadeiramente transformará esta casa numa verdadeira casa de gerações.

Assume o mandato num ano difícil, em que a pandemia acabou por acentuar ainda mais as desigualdades. De que forma é que a AAC pode ajudar os estudantes?

Temos de compreender, de facto, que é um ano particularmente intenso, desafiante e preocupante. Desde logo, a crise sanitária leva a uma consequente crise económica – que estamos a antecipar, mas que já está aí, que já chegou, embora ainda não com as repercussões totais –, mas que vai chegar inevitavelmente a proporções muito graves, talvez das mais graves que já tenhamos vivenciado. E essa crise económica vai ter uma repercussão muito clara naquilo que é que a quebra de rendimentos dos agregados familiares, seja através do lay off que já existiu, seja através das vagas de desemprego que já estão a existir, o que vai traduzir-se numa quebra de rendimentos e numa quebra total de economia. Por isso, é muito claro qual será a repercussão social que daí sucede, nomeadamente na questão do ensino superior quando os agregados familiares não têm o rendimento suficiente para conseguir manter os seus descendentes, os seus filhos no ensino superior: há um aumento substancial do abandono escolar no ensino superior português. Portanto, o que nós estamos a compreender hoje é um ensino superior que não é universal, não é gratuito, tem barreiras financeiros substanciais no seu acesso e na sua permanência e esse abandono escolar vai ser uma realidade nos próximos anos. Como é óbvio, a AAC, como esteve atenta e como esteve reivindicativa no último período de crise económico-financeira (no período da troika), este ano será fundamental para nós replicarmos aquilo que se fez e que foi o principal objetivo da AAC de Coimbra nesses períodos de recessão económica: ou seja, nenhum estudante vai ficar limitado, vai ser excluído do ensino superior que se quer universal, justo e como ascensor social para uma sociedade civil que peca e é defeituosa naquilo que é a sua inamovibilidade.

perfil

▶ Licenciado e finalista do mestrado em Direito, o estudante de 24 anos (celebrados no mês passado) é natural de Coimbra e iniciou a sua ligação à AAC ainda antes de ser aluno da Universidade de Coimbra, enquanto atleta de formação na Secção de Andebol da AAC. Nas últimas três direções-gerais da AAC foi coordenador-Geral da área da Pedagogia (2017-2018) e vice-presidente nos dois mandatos seguintes (entre 2018 e 2020). Exerceu funções na Assembleia de Revisão de Estatutos da AAC e foi o dirigente responsável pela ligação da casa-mãe ao Organismo Autónomo de Futebol da AAC. Além das funções associadas à Associação Académica de Coimbra, João Assunção foi também presidente da Associação Europeia de Estudantes de Direito em Coimbra.

E de que forma? Não podem ir para a rua manifestar-se...

Vamos ver... não excluímos, de nenhuma forma, nenhuma metodologia política de intervenção. Como é natural, a AAC tem história em todas as metodologias políticas, desde a mobilização, desde a mais agressiva – que é a manifestação em rua –, até à mais dialogante, que é a negociação política. Portanto, tendo em conta a realidade concreta, tendo em conta as necessidades concretas que vamos ver no dia-a-dia, no quotidiano da AAC e da academia de Coimbra e do ensino superior no global, iremos compreender quais são as melhores formas de atuar. Mas, neste momento, não podemos, nem vamos excluir nenhuma metodologia de intervenção.

A nível interno, quais são os projetos previstos para a AAC?

Olhando para o edifício-sede, há dois objetivos fundamentais: o primeiro é a concretização de uma obrigação estatutária da AAC que é a regulamentação dos espaços. Portanto, uma gestão mais eficiente de todos os espaços do edifício-sede, de forma a que todos os organismos, todas as estruturas e organismos autónomos da AAC possam ter um espaço eficiente para a persecução dos seus objetivos e da sua atividade. Isso peca por tardio e creio, e comprometo-me também – aliás, já me comprometi perante as estruturas e os eleitores – de, nos próximos 60 dias, ter esse dossiê terminado porque acho que é, de facto, um problema que coloca em causa a realização plena das atividades da AAC. Em segunda instância, o próprio edifício, que é antigo, que tem alguma degradação e como tal iremos exigir à reitoria da UC – que é a legítima proprietária do edifício –, uma obra que de facto possibilite o bem-estar e a segurança de todos os seus utilizadores do dia-a-dia. Mas permita-me também destacar aquilo que eu acho que ser importante: estamos no centenário da Tomada da Bastilha, um momento fundamental da história da academia de Coimbra, da AAC, onde se exigiu espaços dignos para aquilo que era a atividade da AAC e dos seus organismos. Cem anos passaram, já houve uma segunda Tomada da Bastilha com esta mesma intenção, e houve um aumento da atividade política, cívica, cultural e desportiva da AAC. Hoje vivemos novamente essa necessidade. Evidentemente que não precisamos de um edifício novo, mantemos a nossa exigência de permanecer neste edifício como alma imaterial da nossa Académica. Mas, sem dúvida nenhuma, teremos que procurar alternativas que possam juntar-se a este edifício para a prossecução plena das atividades da AAC. Não é só a AAC que beneficia dele é toda a universidade, todo o município, toda a região e todo o país.

Vou terminar da forma que comecei: tornar-se presidente da direção-geral é um sonho. Que parte desse sonho transporta para a AAC?

Essencialmente tenho crescido e cresci na cidade de Coimbra com a ambição de ver uma AAC única, capaz de absorver todos os desafios nas suas várias intervenções. Não há igual no país, ou no mundo até, uma associação que se comprometa a ser pioneira no desporto, a ser pioneira na cultura, a ser um pilar basilar da intervenção política e cívica de uma sociedade. Portanto, este é, sem dúvida, o maior desafio, o desafio-macro da AAC: conseguir ser a primeira em tudo o que está em causa. E, como é óbvio, este desafio traz este sonho de tentar responder, de forma rápida e eficaz, a todos os problemas e a todas as necessidades que esta casa tem. Mas agora eu diria que, como o principal desafio, é ver uma AAC mais fortalecida, ver uma AAC próxima do Organismo Autónomo de Futebol – e isto é uma prioridade também minha – e ver uma AAC que possa e que seja, sem nenhuma dúvida, um farol na sociedade civil portuguesa e que seja um símbolo e um nome afetivamente forte, emocionalmente forte junto de todos os cidadãos de Coimbra.

CISION

ID: 89968310

DIÁRIO as beiras

03-12-2020

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 25,20 x 16,63 cm²
Corte: 3 de 3



CUIDE DE SI
CUIDE DE NÓS
USE Máscara
MANTENHA distância física
LAVE as Mãos



MÉDICO E ENFERMEIROS QUE TROCARAM SANGUE COM PENAS DE PRISÃO SUSPENSAS

Tribunal de Coimbra condenou ainda os arguidos a entregar cerca de 11 mil euros a corporações de bombeiros voluntários ›Pág 3

DIÁRIO as beiras
/diarioasbeiras 102 226
QUINTA 03 dez. 2020
0,80 € (iva incluído)
edição nº 8287
diretor: Agostinho Franklin

DB - Pedro Ramos

Daniel Azenha sai com "dever cumprido" e João Assunção quer uma "AAC de gerações"



Cerimónia de tomada de posse do novo presidente da Associação Académica de Coimbra, João Assunção, realiza-se hoje, às 18H00, no Pavilhão Eng. Jorge Anjinho ›Págs 4 e 5

Soure Orçamento de 18 milhões aposta na economia e ambiente ›Pág 14

Figueira da Foz Votos da maioria PS aprovam orçamento de 75,4 milhões ›Pág 11

Coimbra Greve do STOP encerrou a escola Inês de Castro ›Pág 9

Académica Lateral Mike próximo do regresso às opções de Rui Borges ›Pág 15

Faculdade de Economia "muito coesa" tem conseguido enfrentar a pandemia

Prémios distinguiram alunos e docentes no 48.º aniversário ›Pág 8

DR - Pedro Ramos



a nossa opinião, hoje, no Diário As Beiras



Medicina com dignidade
Rui Curado da Silva



As árvores morrem de pé
António Veiga Simão



Camilo Pessanha, de Ocidente a Oriente
Francisca Beja